

O obsceno escatológico na tradução matuta do prólogo da comédia *A Paz* de Aristófanes

Ana Maria César Pompeu
Universidade Federal do Ceará – UFC

Estabelecemos uma equiparação dos rituais dionisíacos agrários com as festas juninas do nordeste brasileiro, pelo reconhecimento dos seus traços estruturais comuns, na forma de festivais agrários de fertilidade e manifestações espetaculares.

A concretização da pesquisa será feita pela tradução da comédia *Paz* de Aristófanes, do texto original grego de 421 a. C., com a versão matuta cearense dos camponeses aristofânicos, em consonância com a leitura e tradução de *Acarnenses*, de 425 a.C., já estabelecidas por nós, no reconhecimento da forte inspiração da Musa da comédia na cultura cearense.

***Acarnenses*: uma tradução “etno-ética”¹**

Nossa tradução não se caracteriza como etnocêntrica, a que, “fundada sobre a primazia do sentido, [...] considera implicitamente ou não sua língua como um ser intocável e superior, que o ato de traduzir não poderia perturbar” (BERMAN, 2013, p. 45), pois busca a fidelidade e a aproximação ao original grego:

a) Por manter a exatidão dos versos e da primeira palavra de cada linha (1-8):

¹ Recortes da nossa pesquisa *Dioniso matuto: uma abordagem antropológica do cômico na tradução de Acarnenses de Aristófanes para o cearensês*, publicada em livro em 2014, pela Editora Appris de Curitiba.

Δικαιόπολις

ὄσα δὴ δέδηγμαί τήν ἑμαυτοῦ καρδίαν,
ἦσθην δὲ βαιά, πάνυ δὲ βαιά, τέτταρα:
ἄ δ' ὠδυνήθην, ψαμμακοσιογάργα.
φέρ' ἴδω, τί δ' ἦσθην ἄξιον χαιρηδόνος;
ἐγὼ δ' ἐφ' ᾧ γε τὸ κέαρ ἠϋφράνθην ἰδών,
τοῖς πέντε ταλάντοις οἷς Κλέων ἐξήμεσεν.
ταῦθ' ὡς ἐγανώθην, καὶ φιλῶ τοὺς ἱπέας
διὰ τοῦτο τοῦργον: ἄξιον γὰρ Ἑλλάδι.

Justinópolis

Tanta dô tem despedaçado meu coração,
alegria é pôca, bem poquinha, conto nos dedo;
mas sofrimento é grão-centas-ruma-de-areia.
Dêxa eu vê qual foi uma alegria de deleite.
Já sei! Foi no dia qeu fiquei veno e lavei a alma,
com aquele' cinco talento que o Cleão botô
prá fora.
Vixe! Comêu briei, e eu só doido pelos
Cavalêro
Por causa desse feito, do tamãe da Grécia.

Abaixo, transcrevemos, para comparação, a tradução do mesmo trecho pela Professora Maria de Fátima Silva (ARISTÓFANES, 1980):

Δικαιόπολις

ὄσα δὴ δέδηγμαί τήν ἑμαυτοῦ καρδίαν,
ἦσθην δὲ βαιά, πάνυ δὲ βαιά, τέτταρα:
ἄ δ' ὠδυνήθην, ψαμμακοσιογάργα.
φέρ' ἴδω, τί δ' ἦσθην ἄξιον χαιρηδόνος;
ἐγὼ δ' ἐφ' ᾧ γε τὸ κέαρ ἠϋφράνθην ἰδών,
τοῖς πέντε ταλάντοις οἷς Κλέων ἐξήμεσεν.
ταῦθ' ὡς ἐγανώθην, καὶ φιλῶ τοὺς ἱπέας
διὰ τοῦτο τοῦργον: ἄξιον γὰρ Ἑλλάδι.

Diceópolis

Quantos desgostos tenho eu tido a roerem-me a alma!
Lá Alegrias, essas são poucas, bem poucas mesmo,
uma meia dúzia Delas! Mas aflições! ...às centenas,
como de areias tem o mar. Ora bem, vejamos!
Que alegria tive eu que se possa dizer um "deleite"?
Ah, bem sei! Foi um espetáculo que me encheu de prazer
o coração: aqueles cinco talentos que Cléon deitou cá para fora. Que alegrão não senti naquele momento!
Muito admiro eu os cavaleiros por causa dessa proeza!
Um golpe de sorte para a Grécia!

b) Por manter os termos históricos ou característicos da cultura grega: Acarnenses, “Cidadãos do povoado ou demo ateniense de Acarnes”; Teoro, Sitalques, Nicarco, Sicofanta, o delator do mercado; Canéfora, a carregadora do cesto de oferendas, por exemplo. Traduzimos o nome próprio Lâmaco (*mákhe*, “combate”; *La*, “prefixo enfático), que se torna “Batalhão”, militar ateniense, com o sentido muito relevante para a peça, representando a própria guerra e o principal antagonista de Justinópolis.

c) Por traduzir os nomes próprios, com relevância semântica para o enredo da peça, na aproximação sonora dos termos originais, por exemplo, *Dikaiópolis* (*díkaios*, “justo”; *pólis*, “cidade”) passa para Justinópolis (comparado a Florianópolis), o protagonista de *Acarñenses*, que é o cidadão justo ou a cidade justa; Anfiteos (*amphí*, “de um lado e do outro, ao redor”; *theós*, “deus”) passa para Ambídeus, o único que pode promover as tréguas entre atenienses e espartanos; Pseudártabas (*pseûdos*, “falso”; *artábe*, “medida persa”) passa para Falsidâmetro, enviado do rei persa que revela todo o engano das embaixadas atenienses a seu país.

d) Por trazer notas que referenciam e explicam as opções de tradução: “Aí eles todos gritavam: “Ó seu mundiça grande” (ὦ μιαρώτατε, Ô miarótate, ó impuríssimo.).

e) Por ter a intenção explícita de aproximar as festividades juninas do Nordeste brasileiro às Dionísias Rurais da Grécia antiga pelo reconhecimento dos traços estruturais comuns, por serem rituais agrários de fertilidade e manifestações espetaculares, através da tradução da comédia *Acarñenses* de Aristófanes, do texto original grego de 425 a. C. para o falar matuto cearense, reconhecendo a forte inspiração da Musa da comédia na cultura cearense.

O Cearensês

O falar matuto cearense da nossa tradução usa apenas uma marca do plural (os prítane), “tu” com o verbo na terceira pessoa (tu vai), na queda dos erres finais e substituição por acento na vogal anterior (aceitá, embaixadô); faz o mesmo com as terminações em -ou (falô), há a eliminação da sílaba inicial do verbo está (tô, tá), repetições de não, mudando a primeira forma (tu num tá vendo não), “home” por homem, o “lh” por “i” (muié por mulher, aio por alho), usa o diminutivo, substituindo -inho por -in (desse tamanhin), “pra”, “pros, pras” em vez de “para”, “para os” e “para

as”, usa as interjeições características (oxente! Arre égua! Vixe!), e ênfases (euzin aqui ó, abestaiadin, vô é batê na porta), “mermo” por “mesmo”, retira o “l” final de algumas palavras (miserave por miserável, terrive por terrível), entonações características (Pense numa sacudida grande!). As alterações ou criações objetivam ressaltar a expressividade, são intensificadores do sentido.

Na tradução, algumas palavras não foram alteradas, para que se façam entender melhor, já que não há mais matuto que fale completamente diferente dos cidadãos, e estes fazem graça imitando o falar matuto a ponto de integrar alguns modos de expressões no cotidiano, na comunicação com os mais próximos, que reconhecem o código linguístico, também não exclusivo de uma região ou cidade. Verificamos, sem dúvida, o uso mais intenso de algumas características de falares em determinadas regiões. Os meios de comunicação, especialmente a telenovela, têm divulgado falares diversos dos matutos, nordestinos ou não, do Brasil através do mundo.

De acordo com Maria de Fátima Silva, no prefácio de *Dioniso matuto* (POMPEU, 2014):

A língua, à partida uma barreira para uma comunhão plena de sentimentos e de experiências, pode ajustar-se com a busca de palavras que, sentidas como naturais e profundamente enraizadas em um determinado contexto cultural dos nossos dias, deem réplica ao que o velho grego clássico exprimia. E quanto prazer não resulta de traduzir, em tom que o nosso universo sente como seu, os tons com que os atenienses do passado vibraram perante a criatividade de um dos seus melhores poetas!

Personagens matutas de *Acarnenses*

O protagonista de *Acarnenses* é Diceópolis (traduzido por Justinópolis), que vem do campo e se sente deslocado na cidade (28-36): “Euzin aqui, ó, chego sempre primêro que todo mundo/ na assemblea e fico sentado. E aí, como tô só mermo, lastimo, fico de boca aberta, dô uma ispriguiçada, peido [...]”

O coro de *Acarnenses* representa os camponeses do povoado ateniense de Acarnes e entra na orquestra de forma violenta, querendo matar o homem que fez tréguas com os peloponésios (204-218): “Por aqui vocês tudin, cace o home e pergunte por ele/ Pra todo passante; [...]”

Dercetes de File (traduzido por Vercertin da Tribo; Dercetes, do verbo *dérkomai*, “olhar bem”; Filásio, do demo ou povoado de nome File, de *Phýle*, “tribo”), é um agricultor que está representando todas as tribos de Atenas. Ele pede um pouco de paz a Justinópolis, para reaver sua junta de bois (1027-1029): “Perdi foi os doi’zói chorano os boi./ Mar se tu t’importa cum Vercertin da Tribo,/ lambuza de paz os meu’zói, avaxadin.”

O servo de Lâmaco (traduzido por Batalhão) (960-2) vem comprar produtos do mercado de Justinópolis para o seu patrão; o servo do sacerdote de Dioniso (1085-94) vem convidar Justinópolis para a Festa dos Cângios, e o servo de um noivo (1051-3) pede um pouco de paz para que seu patrão possa ter sua noite de núpcias:

Ao megarense foi atribuído um falar mais matuto ainda, por representar a “comédia megarense”, considerada uma fase mais rústica do gênero cômico, mas com acento à fala do homem do campo ou do caipira de outras regiões brasileiras (729-34):

MEGARENSE

Meicado d’Atanas, saive, amiga dos megarense;
sintia farta di ti, pur o deuso d’amizade, cuma duma mãe.
Mar, ó miserave fiinhas d’um desgraçado pai,
sub’aqui pru mode o pão, si incrontá argum.
Iscut’intão, bote o bucho pra funcioná;
rocéis acha mió sê vindida ô tê a fome da peste?

Igualmente foi feito ao falar caipira do beócio, com características diferenciadas do megarense, pois no grego de Aristófanes há acentos diversos para os dois por não serem atenienses e falarem outros dialetos (860-3):

BEÓCIO

Tã vendio Hércules qui dei um mal jeitio nu ombrio.
Bota aí o poeijo divagarin no chão, Ismínias.
E rocêis tudin flautista qui lá de Tebas tão atrás de nóise
cum estias flautias, rão soprá nu cu dum cão!

Os cidadãos

Manteve-se a fala normal ou culta para as personagens mais cidadinas, como Eurípides e seu servo, o Arauto (Locutor), Lâmaco (Batalhão), outro servo de Lâmaco, que fará o papel de um mensageiro da tragédia, e as falas dos sicofantas (delatores/fiscais do mercado). Também não foram alterados de um modo geral os nomes próprios de lugares ou pessoas ou ainda nomes que identifiquem traços característicos da cultura grega.

O bárbaro

O bárbaro dúbio parece revelar a Justinópolis a verdadeira enrolação dos embaixadores, por não concordar exatamente com as afirmações destes, apesar de não falar grego (98-109):

EMBAIXADOR

Avia, homem, diz logo o que o rei mandou
Tu dizer pros atenienses, ó Falsidâmetro.

FALSIDÂMETRO

IartamaneXarxasapiaonasatra.

EMBAIXADOR

Tu aí entendeste o que ele tá dizendo?

JUSTINÓPOLIS

Pelo deus que me alumia! Eu não.

EMBAIXADOR

Ele tá dizendo que o Rei envia ouro pra nós.

Fala, agora, bem direitin sobre o ouro.

FALSIDÂMETRO

Não receber ôro, os cu foló de Iona.

JUSTINÓPOLIS

Ai coitado de mim, tá claro é demais.

EMBAIXADOR

O que é que ele tá dizendo agora?

JUSTINÓPOLIS

O quê? Tá dizeno que os jônio são uns cu foló,
Se tão isperano ôro dos bárbaro.

EMBAIXADOR

Não, ao contrário, ele tá falando é dos quilos de ouro.

JUSTINÓPOLIS

Que quilo o quê? Tu é um grande inrolão.

A Paz

A primeira parte de *Paz*, em que a Guerra reina no lugar dos deuses olímpicos, é caracterizada por alimentos impróprios e malcheirosos: o escaravelho é um besouro que come fezes, Pólemos, a Guerra, prepara uma mistura de todas as cidades gregas, a serem trituradas em um pilão. Depois que a deusa Paz é libertada, todos os alimentos são agradáveis assim como os cheiros. O escaravelho inverte sua situação, pois passa a puxar o carro de Zeus e a comer a ambrosia de Ganimedes (722-4), da mesma forma que a situação da Grécia, que era dominada pela guerra, vista como sinônimo de morte, passa a ser de alegrias da bebida, da comida, da fartura no campo, do sexo, enfim, da vida.

Apresentamos parte da tradução matuta com os comentários e notas do prólogo de *Paz*.

Οικέτης A²

αἶρ' αἶρε μάζαν ὡς τάχιστα κανθάρφ.

Οικέτης B

ἰδοῦ. δὸς αὐτῶ, τῶ κάκιστ' ἀπολουμένῳ

καὶ μήποτ' αὐτῆς μάζαν ἠδίω φάγοι.

Οικέτης A

δὸς μάζαν ἐτέραν, ἐξ ὀνιδῶν πεπλασμένην.

Οικέτης B

ἴδου μάλ' αὖφισ. ποῦ γὰρ ἦν νῦν δὴ ἔφρες;

κατέφαγεν;

Οικέτης A

οὐ μὰ τὸν Δί' ἀλλ' ἐξαρπάσας

ὄλην ἐνέκαψε περικυλίσας τοῖν ποδοῖν.

ἀλλ' ὡς τάχιστα τρίβε πολλὰς καὶ πυκνάς.

CRIADO 1

Taca taca bolo ligerin pro rola-bosta!

CRIADO 2

Tai! Dá pra ele, pra vê se essa coisa ruim morre e nunca vai cumê bolo docin que nem esse.

CRIADO 1

Dá ôto bolo, das bosta amassada dos burro.

CRIADO 2

Tai mais de novo. Cadê o que tu já trôxe?

Cumeu tudo?

CRIADO 1

Não, pur Zeus, mas agarrou foi

tudin, fez os bolin cuns pés e inguliu.

Mas ligerin amassa umas ruma bem miudinha.

Οϊκέτης Β
ἄνδρες κοπρολόγοι προσλάβεσθε πρὸς θεῶν,

¹⁰εἰ μὴ με βούλεσθ' ἀποπνιγένας περιυδεῖν.

Οϊκέτης Α
ἑτέραν ἑτέραν δός, παιδὸς ἡταιρηκός:
τετριμμένης γάρ φησιν ἐπιθυμείν.

Οϊκέτης Β
ἰδοῦ.

ἐνὸς μὲν ἄνδρες ἀπολελύσθαι μοι δοκῶ:
οὐδεὶς γὰρ ἂν φαίη με μάττοντ' ἔσθιειν.

Οϊκέτης Α
15αἰβοῖ, φέρ' ἄλλην χάτέραν μοι χάτέραν,
καὶ τριβ' ἔθ' ἑτέρας.

Οϊκέτης Β
μὰ τὸν Ἀπόλλω 'γὼ μὲν οὐ:
οὐ γὰρ ἔθ' οἶός τ' εἴμ' ὑπερέχειν τῆς
ἀντλίας.

Οϊκέτης Α
αὐτὴν ἄρ' οἶσω συλλαβῶν τὴν ἀντλίαν.

Οϊκέτης Β
νῆ τὸν Δί' ἐς κόρακάς γε καὶ σαυτὸν γε
πρός.

20ὐμῶν δέ γ' εἴ τις οἶδ' ἐμοὶ κατειπάτω,
πόθεν ἂν πριαίμην ρίνα μὴ τετριμμένην.
οὐδὲν γὰρ ἔργον ἦν ἄρ' ἀθλιώτερον
ἢ καθάρῳ μάττοντα παρέχειν ἔσθιειν.
ὅς μὲν γάρ, ὥσπερ ἂν χέση τις, ἡ κύων
²⁵φαύλως ἐρείδει: τοῦτο δ' ὑπὸ φρονήματος
βρενθύεται τε καὶ φαγεῖν οὐκ ἀξιοί,
ἦν μὴ παραθῶ τρίψας δι' ἡμέρας ὅλης
ὥσπερ γυναικὶ γογγύλην μεμαγμένην.

ἀλλ' εἰ πέπαιται τῆς ἐδωδῆς σκέψομαι

³⁰τηδὶ παροιῖας τῆς θύρας, ἵνα μὴ μ' ἴδῃ.
ἔρειδε, μὴ παύσαιο μηδέποτ' ἔσθιων
τέως ἕως σαυτὸν λάθοις διαρραγείς.
οἶον δὲ κύψας ὁ κατάρατος ἔσθιει,
ὥσπερ παλαιστής, παραβαλῶν τοὺς
γομφίους,

³⁵καὶ ταῦτα τὴν κεφαλὴν τε καὶ τῶ χεῖρὲ πως
ὠδὶ περιάγων, ὥσπερ οἱ τὰ σχοινία
τὰ παχέα συμβάλλοντες ἐς τὰς ὀλκάδας.

μιαρὸν τὸ χρῆμα καὶ κάκοσμον καὶ βορόν:

χῶτου ποτ' ἐστὶ δαιμόνων ἢ προσβολῆ

⁴⁰οὐκ οἶδ'. Ἄφροδίτης μὲν γὰρ οὐ μοι

φαίνεται,

οὐ μὴν Χαρίτων γε.

Οϊκέτης Α

τοῦ γάρ ἐστ';

Οϊκέτης Β

οὐκ ἔσθ' ὅπως

τοῦτ' ἔστι τὸ τέρας οὐ Διὸς καταβάτου.

CRIADO 2

Homes ajuntadô de'strume, ajude pelos deus,
Se ocês num quizer me vê morrê sem fogo!.

CRIADO 1

Dá ôta e mais ôta, dum rapaz prostituto:
amassadinha, ele diz que gosta assim.

CRIADO 2

Tai.

D'uma coisa, ó homes, tô livrin da silva:
num tem quem diga qu'eu como o qu'eu faço.

CRIADO 1

Ai ai! Traz mais ôto e ôto e mais ôto,
e amassa mais ôtos.

CRIADO 2

Deus alumiadô, eu mermo não!

Num guento mais não o fedô da privada.

CRIADO 1

Todinha intão eu vô é levá a privada.

CRIADO 2

É, pai do céu, pros urubu e também pra tu!

E ocês, se argum subê me vá dizem,
onde é qu'eu compro umas venta sem buraco.

Pois num tem serviço mais mulesto
do que pr'um rola-bosta amassá o de cumê.

Um porco ou um cão do jeitin que um caga
sem s'importá, cai em riba; mas isso aí de orgui⁵

só que sê as prega e num qué comê,
s'eu num lhe dé dispois de amassá o dia todin,

do jeito qu'amasso uma torta pr'uma muiezinha.

Mas se ele acabô o de comê eu vô é ispiá
daqui, abro um tiquin a porta, pr'ele num me vê.

- Cai em riba, que num acabe nunca de cumê
intê que se espoque sem nem num notá.

Como ele s'intorta pra cumê, o mardito,
do jeito dum lutadô, arreganhano os dente,

e isto cum a cabeça e cum as duas mão
assim inrolano, do jeitin dos que as corda

grossa vão rebolano nos navi de carga.

Mundiça a coisa, fedorenta e glutona,

e de qual é dos deuse esse prodijo
num sei. D'Afrodita é que num me aparenta,

nem das Graça mermo.

CRIADO 1

De quem é?

CRIADO 2

Num tem como

isso num sê o sinal de Zeus caiga raio⁶.

Οϊκέτης Α

οὐκοῦν ἂν ἤδη τῶν θεατῶν τις λέγοι
νεανίας δοκησίσοφος, τὸ δὲ πρᾶγμα τί;
⁴⁵ὁ κἀνθάρος δὲ πρὸς τί; κἄτ' αὐτῶ γ' ἀνήρ
Ἴωνικός τις φησι παρακαθήμενος:
'δοκέω μὲν, ἐς Κλέωνα τοῦτ' αἰνίσσεται,
ὡς κείνος ἀναιδέως³ τὴν σπατίλῃν ἐσθίει.'
ἀλλ' εἰσῶν τῶ κανθάρφω δώσω πιεῖν.

Οϊκέτης Α

⁵⁰ἐγὼ δὲ τὸν λόγον γε τοῖσι παιδίοις
καὶ τοῖσιν ἀνδρίοις καὶ τοῖς ἀνδράσιν
καὶ τοῖς ὑπερτάτοισιν ἀνδράσιν φράσω
καὶ τοῖς ὑπερῆνορέουσιν ἐτι τοῦτοις μάλα.
ὁ δεσπότης μου μαίνεται καινὸν τρόπον,
55οὐχ ὄνπερ ὑμεῖς, ἀλλ' ἕτερον καινὸν
πάνυ.

δι' ἡμέρας γὰρ ἐς τὸν οὐρανὸν βλέπων
ὡδὶ κεχηνῶς λοιδορεῖται τῶ Διὶ
καὶ φησιν, ὦ Ζεῦ τί ποτε βουλεύει ποιεῖν;
κατάθου τὸ κόρημα: μὴ ἴκκορεὶ τὴν Ἑλλάδα.
⁶⁰ἔα ἔα.

σιγήσαθ', ὡς φωνῆς ἀκούειν μοι δοκῶ.

CRIADO 1

Intão um dos ispectadô já pode é dizê,
um rapaz ispertaião, “que diabê isso?
O rola-bosta é pra quê?” Aí pra ele um home
da Jônia diz sentado pertin dele:
“Tenho pra mim que isso é pra lembrá o Cleão,
pois ele sem vergonha come é merda de home.”
Mas eu vô é entrá e dá de bebê pro rola-bosta.

CRIADO 2

E eu o causo pros meninin
e pros homenzin e pros home
e pros home superiô vô xplicá
e pros superômi ainda mais pra eles.
O meu sinhô tá doido dum jeito novo,
nã do jeito de ocês, mas de ôto muito novo.
pois de dia fica oiando pro céu,
assim de boca aberta, dando carão em Zeus
e diz: “Ô Zeus, o que é que tu quê fazê?
Sigura a vassoura, num varre a Grécia nã.
Ai! Ai!
Cala a boca que eu acho qu'escuto a voz dele.

Conclusão

Traduzimos, com o Grupo de Estudos Aristofânicos – GEA, 600 versos dos 1357 que compõem a peça *Paz*, e, desses, vertemos 300 versos para a linguagem matuta. Com o processo de traduzir o texto grego primeiro da forma mais literal possível, cotejando outras traduções da peça em português (a de Maria de Fátima Silva, 1989, em Portugal, as dissertações de mestrado de Greice Drummond, UFRJ, 2002, e Marcos Cardoso Gomes, USP, 1984, no Brasil), e a seguir, retraduzir ou traduzir dentro da mesma língua, do

² Hall and W.M. Geldart (1907).

³ ἐν Αἵδεω, “no Hades”, na edição de Olson (1998): “pois ele no Hades come é merda de home.”

⁴ Fôlego.

⁵ Orgulho.

⁶ Καταβάτης, “que cai sobre a terra (o raio)”, é um epíteto comum de Zeus, mas lido com o sigma final de Διός lembra σκατ- de σκῶρ, “estrume, fezes”, e o contexto impulsiona o sentido escatológico. Optamos por sugerir, pela linguagem matuta, Zeus caiga raio = Zeus carrega raio (cf. Zeus caga raio, na tradução de Marcos Cardoso Gomes, 1984).

português formal para a linguagem matuta, que mais se aproxima da linguagem oral do cotidiano, a precisão do verso grego bem como a expressividade e a musicalidade das palavras e expressões nos levam a um entendimento muito mais aprofundado da língua e da cultura grega, além de nos proporcionar uma maior conscientização da nossa própria cultura e modo de falar, ao buscar as diversas expressões regionais mais antigas ou mais recentes e o seu contexto dentro do texto aristofânico. Desse modo, somos diretamente atingidos pelo dionisíaco e apolíneo de que o teatro se compõe: o autoconhecimento pela experiência com o outro.

REFERÊNCIAS

ARISTÓFANES. *Os Acarnenses*. Introdução, versão do grego e notas de Maria de Fátima de Sousa e Silva. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980.

ARISTOPHANES. *Acharnians*. Edited with introduction and commentary by S.Douglas Olson. Oxford: 2002.

ARISTOPHANES. *Aristophanes Comoediae*. ed. F.W. Hall and W.M. Geldart, vol. 1. F.W. Hall and W.M. Geldart. Oxford. Clarendon Press, Oxford. 1907.

ARISTOPHANES. *Peace*. Edited with introduction and commentary by S.Douglas Olson. Oxford: 1998.

BELTRAMETTI, Anna. Le couple comique. Des origines mythiques aux derives philosophiques. In: Desclos, Marie-Laurence (dir.) *Le rire des grecs: anthropologie du rire en Grèce ancienne*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000, p. 215-226.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução Marie Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2. ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

DOURADO, Otoniel Ajala; MELO, Karen Alves. *Dicionário de cearês e matutês*. 2. Ed. Fortaleza: SOS Direitos Humanos, 2013 (1ª edição 2011).

DRUMOND, Greice Ferreira. *A realidade ficcional em A Paz de Aristófanes*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

GOMES, Marcos Cardoso. *Paz: tradução e comentário*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 1984.

PLATTER, Charles. *Aristophanes and the carnival of genres*. Johns Hopkins, 2007.

POMPEU, Ana Maria César. *Dioniso matuto: uma abordagem antropológica do cômico na tradução de Acarnenses de Aristófanes para o cearensês*. Curitiba: Editora Appris, 2014.